

(30) u

3^o Via
RS

ATENÇÃO
A PROGRAMAÇÃO DO ES-
PETÁCULO A QUE SE RE-
FERE ESTE TEXTO ESTÁ
SUJEITA À APROVAÇÃO
PRÉVIA DO SCDP/SR-DPF



O S F Í S I C O S

ADAPTAÇÃO DA PEÇA DE FRIEDRICH DÜRRENMATT

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone 226.0242 - CEP 90020-025

Grupo de Teatro de alunos do Colégio Israelita

SRTA. DRA. MATHILDE VON ZAHND	- Cinara Rosenfeld
MARTA BOLL (Enfermeira-chefe)	- Regina Weinberg
MONIKA STETTLER (enfermeira)	- Rosa Léa Dechidar
UWE SIEVERS (Enfermeiro-chefe)	- Roberto A. Weisman
MACARTHUR (Enfermeiro)	- Sérgio Amon
MURILLO (enfermeiro)	- Paulo Sandes
HERBERT GEORG BEUTLER chamado NEWTON	- Cinti, Moscovich
ERNEST HEINRICH ERNESTI chamado EINSTEIN	- Lillian Milniásky
JOHANN WILHELM NOBIUS	- Saul Plawnik
MISSIONÁRIO OKAR ROSE	- Paulo Sandes
MISSIONÁRIA LINA ROSE	- Miriam Grossi
ADOLF-FRIEDRICH (filho)	- Sérgio Amon
GRK-LUKAS (filho)	- Estelita Schames
RICHARD VOSS (inspetor)	- Ricardo Scop
MÉDICO DO TRIBUNAL	- Miriam Grossi
GUHL (policia)l)	- Paulo Sandes
BLOCHER (")	- Sérgio Amon

CENÁRIO:

O salão de uma "Villa", sede do sanatório particular "Los Ce-risiers". O cenário parcialmente desarrumado; uma lâmpada de pé, ca-deiras e uma mesa redonda; num canto, uma lareira. Ao fundo, três portas numeradas.

ATO I

No meio do salão, está o inspetor Richard Voss de pé, vestin-do chapéu e sobretudo; à esquerda a enfermeira-chefe Marta Doll; ao fundo, o cadáver em torno do qual movimentam-se funcionários da poli-cia criminal.

O inspetor extrai um charuto de uma charuteira;

INSPETOR - Pode-se fumar?

ENFERMEIRA-CHEFE - Não é de costume.

INSPETOR - Perdão.

(torna a guardar o charuto)

ENFERMEIRA-CHEFE - Uma xícara de chá?

INSPETOR - Preferia uma aguardente.

ENFERMEIRA-CHEFE - O senhor está num sanatório.

INSPETOR - Então prefiro nada. Blocher, pode fotografar.

BLOCHER - Sim, senhor inspetor.

(São tiradas fotografias. Clarões.)

INSPETOR - Qual era o nome da enfermeira?

ENFERMEIRA-CHEFE - Irene Straub.

INSPETOR - Idade?

ENFERMEIRA-CHEFE - Vinte e dois anos.

INSPETOR - O assassino?

ENFERMEIRA-CHEFE - Por favor, senhor inspetor... o coitado é doente.

INSPETOR - Está bem. O autor?

ENFERMEIRA-CHEFE - Ernest Heinrich Ernesti. Nós o chamamos de Einstein.



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

INSPECTOR - Por quê?

ENFERMEIRA-CHEFE - Porque se julga Einstein.

INSPECTOR - Ah, está bem.



(Vira-se ao policial que toma notas estenográficas.)

INSPECTOR - Anotou as declarações da enfermeira-chefe, Guhl?

GUHL - Sim, senhor inspetor.

INSPECTOR - Foi estrangulada, doutor?

MÉDICO DO TRIBUNAL - Sem dúvida. Com o fio da lâmpada de pé. Estes loucos são possuidores de uma força gigantesca. É maravilhoso.

INSPECTOR - Hum! O senhor acha? Nesse caso, acho falta de responsabilidade deixar estes loucos aos cuidados das enfermeiras. Este já é o segundo assassinato.

ENFERMEIRA-CHEFE - Por favor, senhor inspetor.

INSPECTOR - ... o segundo acidente no sanatório Les Cerisiers nos últimos três meses.

(Puxa um bloco de notas do bolso.)

INSPECTOR - A doze de agosto certo Herbert George Beutler, que se julga o grande físico Newton, estrangulou a enfermeira Dorothea Moser

(Torna a embolsar o bloco de notas)

INSPECTOR - Neste mesmo salão. Se tivesse enfermeiros, isto não aconteceria.

ENFERMEIRA-CHEFE - Acha? A enfermeira Dorothea Moser era sócia da associação feminina de luta livre e a enfermeira Irene Straub campeã nacional da liga de judô.

INSPECTOR - Poderia ver o assassino?

ENFERMEIRA-CHEFE - Por favor, senhor inspetor.

INSPECTOR - O autor?

ENFERMEIRA-CHEFE - Está tocando violino.

INSPECTOR - Então que pare.

(Já que a enfermeira-chefe não reage)

INSPECTOR - Tenho de tomar seu depoimento.

ENFERMEIRA-CHEFE - Não é possível.

INSPECTOR - E por quê não?

ENFERMEIRA-CHEFE - Clinicamente não podemos permitir isso. Agora é hora do senhor Ernesti tocar violino.

INSPECTOR - Mas afinal, o sujeito estrangulou uma enfermeira!

ENFERMEIRA-CHEFE - Senhor inspetor, não se trata de um sujeito e sim de um homem doente, que precisa se acalmar. E, já que se considera Einstein, só se acalma tocando violino.

INSPECTOR - Será que eu estou louco?

ENFERMEIRA-CHEFE - Não está.

INSPECTOR - Estou todo confuso.

(Enxuga o suor.)

INSPECTOR - Está quente aqui.

ENFERMEIRA-CHEFE - Bem pouco.

INSPECTOR - Por favor, enfermeira Marta, peça à médica-chefe que venha até aqui.

ENFERMEIRA-CHEFE - Também não é possível. A doutora está acompanhando do Einstein ao piano. Einstein só se acalma se a doutora o acompanha.

INSPECTOR - E, há três meses atrás, a doutora teve de jogar xadrez com Newton, para que este se acalmasse. Não posso mais concordar com isso, enfermeira Marta. Tenho necessidade de conversar com a médica-chefe.

ENFERMEIRA-CHEFE - Pois não. Só que tem de esperar.

INSPECTOR - E quanto tempo ainda vai demorar esta tocação?

ENFERMEIRA-CHEFE - Um quarto de hora, uma hora ... Depende.

INSPECTOR - Está bem. Eu espero.

BLOCHER - Já acabamos, senhor inspetor.

INSPECTOR - E a mim estão acabando.

(Silêncio. O inspetor enxuga o suor.)

INSPECTOR - Podem levar o cadáver para fora.

BLOCHER - Sim, senhor inspetor.

ENFERMEIRA-CHEFE - Vou mostrar aos senhores o caminho.



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(O cadáver é levado para fora, bem como os instrumentos. O inspetor tira o chapéu, senta-se exausto na poltrona. Continua o toque de violino acompanhado pelo piano. É quando aparece, vindo do quarto nº 3, Herbert Georg Beutler, vestindo trajes de inícios do século XVIII e peruca.)

NEWTON - Sir Isaac Newton.

INSPETOR - Inspetor Richard Voss.

(Permanece sentado).

NEWTON - Encantado. Muito encantado. Realmente. Posso perguntar o que é que está acontecendo aqui?

INSPETOR - A enfermeira Irene Straub foi estrangulada.

NEWTON - A campeã nacional da Liga de Judô?

INSPETOR - A campeã.

NEWTON - Horrível.

INSPETOR - Foi Ernest Heinrich Ernesti.

NEWTON - Mas ele não está tocando violino?

INSPETOR - Para se acalmar.

NEWTON - Com certeza a luta o cansou, já que é bem robusto. Como é que ele ...

INSPETOR - Com o fio da lâmpada.

NEWTON - Com o fio da lâmpada. É também uma possibilidade. Esse Ernesti. Me dá pena. Extraordinário. E também a campeã de judô me dá pena. Permite. Tenho de arrumar um pouco.

INSPETOR - À vontade. O ambiente já foi fotografado.

(Newton põe a mesa de pé e depois as cadeiras.)

NEWTON - Não suporto desordem. Aliás, só me tornei físico pelo amor à ordem.

(Põe a lâmpada de pé.)

NEWTON - Para levar de volta à uma ordem superior a aparente desor -



dem da natureza.

(Acende um cigarro).



NEWTON - Incomoda-lhe, se fumo?

INSPECTOR - Não. Pelo contrário, eu ...

(Quer tirar um charuto da charuteira).

NEWTON - Desculpe, já que estávamos falando em ordem: aqui só se permite fumar aos pacientes, nunca aos visitantes. Se não fosse assim, todo o salão estaria logo empestado.

INSPECTOR - Compreendo.

(Torna a colocar a charuteira no bolso).

NEWTON - Incomoda-se se eu tomar um copinho de conhaque?

INSPECTOR - Absolutamente.

(Newton apanha uma garrafa de conhaque e um cálice atrás da grade da lareira).

NEWTON - Esse Ernesti. Estou todo confuso. Como é que um homem pode estrangular uma enfermeira?

(Senta-se no sofá e serve-se de conhaque.)

INSPECTOR - No entanto, o senhor mesmo estrangulou uma enfermeira.

NEWTON - Eu?

INSPECTOR - A enfermeira Dorothea Moser.

NEWTON - A lutadora?

INSPECTOR - No dia 12 de agosto. Com o cordão da cortina.

NEWTON - Ora, inspector, esse caso é bem diferente. Afinal eu não sou louco. À sua saúde!

INSPECTOR - À sua.

(Newton bebe).

NEWTON - A enfermeira Dorothea Moser. Ainda me lembro dela. Ela me amava e eu a amava. A única forma de resolver o dilema estava no cordão da cortina.

INSPECTOR - Dilema?

NEWTON - Minha missão neste mundo é meditar sobre a gravitação, e

não a de amar uma mulher.

INSPECTOR - Compendo.

NEWTON - E depois havia mais a enorme diferença de idade.

INSPECTOR - Claro. O senhor provavelmente tem mais de duzentos anos.

(Newton olha-o espantado).

NEWTON - Como assim?

INSPECTOR - Ora, sendo Newton, ...

NEWTON - O senhor está imaginando coisas, inspetor, ou está apenas fingindo?

INSPECTOR - Escute ...

NEWTON - Acredita mesmo que eu seja Newton?

INSPECTOR - Pois não é o que o senhor acredita?

(Newton olha-o desconfiado).

NEWTON - Posso confiar-lhe um segredo, inspetor?

INSPECTOR - Naturalmente.

NEWTON - Eu não sou Sir Isaac. Eu só finjo ser Newton.

INSPECTOR - E por quê?

NEWTON - Para não atrapalhar Ernesti.

INSPECTOR - Não entendo.

NEWTON - Ao contrário de mim, Ernesti está realmente doente. Ele acaba que é Albert Einstein.

INSPECTOR - O que é que o senhor tem com isso?

NEWTON - Se o Ernesti descobrisse que na realidade eu sou Einstein, então aconteceria o diabo.

INSPECTOR - Com isso o senhor quer dizer que ...

NEWTON - Isso mesmo. Eu sou o famoso físico e fundador da teoria da relatividade.

(Inspetor levanta-se, um pouco confuso).

INSPECTOR - Muito prazer.

(Newton também se levanta).

NEWTON - Pode chamar-me de Albert.

INSPECTOR - E a mim de Richard.



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(Apertam as mãos).

NEWTON - Mas, vamos sentar-nos.

(Puxa-o para o sofá. Newton co
loca o braço em torno dos om
bros do inspetor).

NEWTON - Richard!

INSPETOR - Sim, Albert?

NEWTON - Você se aborrece por não poder prender-me, não é?

INSPETOR - Ora, Albert ...

NEWTON - Você está querendo me prender pelo fato de eu baver estran-
gulado a enfermeira ou por ter permitido a construção da bomba atô-
mica?

INSPETOR - Ora, Albert ...

NEWTON - Se você acionar o interruptor que está perto da porta, o
que vai acontecer, Richard?

INSPETOR - A luz se acenderá.

NEWTON - Você fez um contato elétrico. Entende alguma coisa de ele-
tricidade, Richard?

INSPETOR - Não sou físico.

NEWTON - Eu também entendo pouco. Eu apenas construo uma teoria e
sobre a eletricidade. E depois aparecem os técnicos, que fabricam
máquinas. E uma máquina só se torna útil quando se tornou independê-
nte do conhecimento que levou à sua invenção. E porisso, hoje em
dia, qualquer burro pode acender uma lâmpada ... ou fazer explodir
uma bomba atômica.

(Bate no ombro do inspetor).

NEWTON - E agora, você quer me prender porr isso? Não é justo.

INSPETOR - Mas eu não quiere prendê-lo, Albert.

NEWTON - Só por que pensa que eu sou louco. E, no entanto, por que
você não se recusa a acender uma lâmpada, se não entende nada de e-
letricidade? O criminoso aqui é. você, Richard. E agora, é melhor
eu esconder o meu conbaque, senão a enfermeira-chefe Marta Boll
vai ficar furiosa.

(Newton torna a esconder a garra



rafa atrás da grade da lareira, deixando, no entanto, o cálice no mesmo lugar).



NEWTON - Passe bem.

INSPECTOR - Passe bem, Albert.

NEWTON - Você deveria prender a si mesmo, Richard.

(Desaparece no quarto número 3).

INSPECTOR - Aconteça o que acontecer, agora eu vou fumar.

(Conjecção súbita, tira um charuto da charuteira, acende-o e fuma. Blocher entra).

BLOCHER - Estamos prontos para partir, inspetor.

INSPECTOR - Eu estou esperando! A médica-chefe!

(O inspetor se acalma e resmunga)

INSPECTOR - Volte à cidade com toda a equipe, Blocher. Eu sigo depois.

BLOCHER - Cumpro suas ordens, Inspetor.

(Blocher sai. O inspetor dá algumas puxadas vigorosas no charuto, caminha, batendo os pés e com decisão ao redor do Salão, para diante do retrato sobre a lareira, contempla-o. Entrementes cessou a música de violino e piano. Abre-se a porta do quarto número dois e por ela entra a senbota doutora Mathilde von Zahnd. É corcunda, tem cerca de 55 anos, veste guarda-pó branco e estetoscópio).

DOCTORA - É meu pai, o conselheiro August von Zahnd. Um grande homem. Sou sua única filha. Odiava-me como se eu fosse a peste. Aliás, odiava todo o mundo como se fosse a peste. E com razão, pois

sendo consultor econômico se via diante de abismos humanos que se são eternamente misteriosos para nós, os psiquiatras. Nós, os médicos de alienados, continuaremos sendo eternamente filântropos românticos).

(Coloca a partitura sobre a mesinba diante do sofá).

DOCTORA - Bem, Ernesti agora está calmo. Deitou-se e dormiu. Como um menino contente. Já posso respirar de novo.

(Senta-se na poltrona à esquerda do sofá).

INSPECTOR - Desculpe-me doutora Von Zahnd, se estou fumando aqui, mesmo que seja proibido já que ...

DOCTORA - Pode fumar à vontade, inspetor. Eu também tenho necessidade urgente de um cigarro, quer o queira a enfermeira-chefe ou não. Quer fazer o favor de acender?

(O inspetor acende seu cigarro, ela fuma).

DOCTORA - Horrível. Pobre enfermeira Irene. Uma coisinha moça e limpíssima.

(Observa o cálice).

DOCTORA - Newton?

INSPECTOR - Tive o prazer de conhecê-lo.

DOCTORA - É melhor esconder.

(O inspetor se adianta à ela e coloca o cálice atrás da grade? diante da lareira).

DOCTORA - É por causa da enfermeira-chefe.

INSPECTOR - Compreendo.

DOCTORA - O senhor conversou com Newton?

INSPECTOR - E descobri uma coisa.

(Senta-se no sofá).

DOCTORA - Meus parabéns.

INSPECTOR - Newton, na realidade, julga ser Einstein.

DOCTORA - É o que ele conta a todo mundo. Mas, na verdade, julga



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ser Newton.

INSPECTOR - Tem certeza?

DOCTORA - Quem determina quem se julga ser os meus pacientes sou eu mesma. Para isso, conheço-os melhor do que eles próprios.

INSPECTOR - É possível. Mas, neste caso, a senhorita deveria ajudar-nos, doutora. As autoridades estão reclamando.

DOCTORA - O promotor?

INSPECTOR - Está louco.

DOCTORA - Como se isso fosse problema meu, senhor Voss.

INSPECTOR - Dois assassinatos ...

DOCTORA - Por favor, senhor Inspetor.

INSPECTOR - Dois acidentes, em três meses. Deve reconhecer que as medidas de segurança em seu sanatório são insuficientes.

DOCTORA - E como é que o senhor imagina as medidas de segurança, inspetor? Estou dirigindo um sanatório, não uma prisão. Afinal, não é possível prender os assassinos antes que tenham cometido assassinato.

INSPECTOR - Não se trata de assassinos, e sim de loucos e estes, infelizmente, podem assassinar a qualquer momento.

DOCTORA - E também aqueles que não são doentes e com maior frequência. Em que época estamos vivendo? A medicina fez progressos ou não fez? Devem tornar a prender os doentes em celas individuais, amarrados em redes e as mãos postas em luvas de box, como antigamente? Como se não soubéssemos distinguir entre pacientes perigosos e pacientes não perigosos.

INSPECTOR - Esta capacidade de distinguir fracassou totalmente no caso de Beutler e Ernesti.

DOCTORA - Infelizmente. É isso que me preocupa e não a fúria do promotor.

(Einstein sai do quarto nº 2 trazendo seu violino. É macilento, seus cabelos são longos e brancos amarelados, usa bigode).

EINSTEIN - Acordei,

DOCTORA - Mas professor ...



EINSTEIN - Eu toco violino bem?

DOCTORA - Divinamente, professor.

EINSTEIN - A enfermeira Irene Straub ...

DOCTORA - Não pense mais nisso, professor.

EINSTEIN - Vou voltar a dormir.

DOCTORA - Faz muito bem, Professor.

(Einstein retorna ao quarto.) O

inspetor levantou-se de um salto).

INSPECTOR - Então é ele.

DOCTORA - Ernst Heinrich Ernesti.

INSPECTOR - O assassino ...

DOCTORA - Por favor, senhor inspetor.

INSPECTOR - O autor, que se julga Einstein? Quando foi internado?

DOCTORA - Há dois anos.

INSPECTOR - E Newton?

DOCTORA - Há um ano. Senhor Voss, não sou nenhuma principiante. Meu sanatório é famoso e não me é favorável trazer a polícia aqui. Tanto o senhor quanto eu poderíamos ter estrangulado enfermeiras. Do ponto de vista médico não há explicação para o sucedido. Pois então ...

(Segura novo cigarro. O inspetor o acende).

DOCTORA - Inspetor, não está notando nada?

INSPECTOR - Como assim?

DOCTORA - Pense nos dois pacinetes.

INSPECTOR - E então?

DOCTORA - Ambos são físicos. Físicos nucleares.

INSPECTOR - Sim?

DOCTORA - O senhor não tem mesmo grande argúcia, inspetor.

(O inspetor reflete).

INSPECTOR - Acredita que ...

DOCTORA - Ambos estudavam materiais radioativos.

INSPECTOR - Acredita que haja alguma relação?

DOCTORA - Só trato de constatar, nada mais. Ambos ficaram loucos,



ambos pioram, ambos se tornam perigosos, ambos estrangulam enfermeiras.

INSPECTOR - A srta. acredita numa ... mudança do cérebro pela radioatividade?

DOCTORA - Infelizmente tenho que examinar essa possibilidade.

INSPECTOR - Quantos pacientes ainda moram aqui?

DOCTORA - Três.

INSPECTOR - Só três?

DOCTORA - Os restantes foram levados à Nova Construção, logo depois do primeiro acidente. Felizmente pude financiar a construção à tempo, com a ajuda de pacientes ricos e de parentes. No caso de sua morte, geralmente ocorrida aqui e que me deixava como única herdeira. É o destino, senhor Voss. Sou sempre a única herdeira. Minha família é tão antiga que pode ser considerada quase como um pequeno milagre médico. Quero dizer, o fato de eu poder ser considerada normal, naquilo que se refere à minha saúde mental.

(O inspetor reflete).

INSPECTOR - Quem é o terceiro paciente?

DOCTORA - Também um físico.

INSPECTOR - Curioso, não acaba?

DOCTORA - Não acho nada. Eu faço agrupamentos: escritores junto com escritores, grandes industriais com grandes industriais, milionários junto com milionários e os físicos junto com os físicos.

INSPECTOR - O nome?

DOCTORA - Johann Wilhelm Möbius.

INSPECTOR - E ele também trabalhava com a radioatividade?

DOCTORA - Não.

INSPECTOR - Ele também poderia ...

DOCTORA - Já está aqui há quinze anos, é completamente manso e seu estado nunca se modificou.

INSPECTOR - Doutora, a srta. não pode deixar de atender: o promotor exige categoricamente o emprego de enfermeiros que tratem dos físicos.

DOCTORA - Pois vou atendê-lo.

(O inspetor apanha o chapéu).



INSPECTOR - Esta bem, fico contente em saber que a srta. concorda. Já estive duas vezes em Les Cerisiers, srta. von Zabnd. Espero não ter que aparecer pela terceira vez.

(Coloca o chapéu na cabeça e sai
A srta von Zabnd olha-o pensativa. Da direita entra a enfermeira-chefe Marta Boll, estupefata e farejando o ar. Em sua mão segura um relatório).

ENFERMEIRA-CHEFE - Por favor, doutora ...

DOCTORA - Oh, desculpe.

(Apaga o cigarro).

DOCTORA - Como vai minha tia Senta?

ENFERMEIRA-CHEFE - Intranquila.

DOCTORA - Dobrar a dose. E o primo Ulrich?

ENFERMEIRA-CHEFE - Estacionário.

DOCTORA - Enfermeira Marta Boll: infelizmente tenho que acabar com uma tradição de Les Cerisiers. Até hoje só empreguei enfermeiras; amanhã a "Villa" ficará aos cuidados de enfermeiros.

ENFERMEIRA-CHEFE - Doutora von Zabnd: não deixarei que me roubem os meus três físicos. São os meus casos mais interessantes.

DOCTORA - Minha decisão é final. A senhora Möbius já chegou?

ENFERMEIRA-CHEFE - Está esperando no Salão Verde.

DOCTORA - Que entre.

ENFERMEIRA-CHEFE - O histórico da doença de Möbius.

DOCTORA - Obrigado.

(A enfermeira-chefe entrega-lhe o relatório, encaminha-se para a porta da direita e antes de sair vira-se mais uma vez).

ENFERMEIRA-CHEFE - Mas ...

DOCTORA - Por favor enfermeira Marta, por favor.

(A enfermeira-chefe sai. A doutora von Zabnd abre o relatório, coloca-o sobre a mesa redonda e



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

o estuda. Da direita a enfermeira-chefe acompanha a entrada da sra. Rose bem como de dois meninos de quatorze e dezesseis anos. O grupo termina pelo missionário Rose. A doutora levanta-se).

DOCTORA - Minha cara sra. Möbius ...

SRA ROSE - Rose. Senhora missionária Rose. Talvez isso a surpreenda muito, doutora, mas há três semanas casei-me com o Missionário Rose.

(Enrubesce e indica, um pouco de desajeitadamente, seu novo marido).

SRA.ROSE - A senhorita compreende nossa atitude?

DOCTORA - Mas claro, senhora Rose. A vida continua.

MISSIONÁRIO ROSE - Como é ~~calmo~~ aqui? E simpático. Há realmente uma paz do Senhor vigiando esta casa, bem no espírito do Salmo: "Pois o Senhor ouve os pobres e não despreza os seus prisioneiros."

SRA.ROSE - Oskar é um excelente pregador, doutora.

(Enrubesce).

SRA.ROSE - São meus filhos.

DOCTORA - Boa tarde, meninos.

OS DOIS MENINOS - Boa tarde, doutora.

DOCTORA - Belos meninos, senhora Rose. Podem olhar o futuro confiantes.

(A sra. Missionária Rose senta-se à direita no sofá, a Doutora junto à mesa à esquerda. Atrás do sofá estão os dois garotos e na poltrona, à direita, o Missionário Rose).

SRA.ROSE - Doutora, não é à toa que eu trouxe meus filhos. Oskar vai dirigir as missões nas Marianas.

MISSIONÁRIO ROSE - No Oceano Pacífico.

SRA.ROSE - E me parece indicado que meus filhos, antes da partida,



fiquem conhecendo seu pai. Pela primeira e última vez. Eles ainda eram pequenos quando ele adoeceu. E, afinal, essa deverá ser uma despedida para sempre.

DOCTORA - Senhora Rose, do ponto de vista médico talvez haja alguns inconvenientes. Mas sob o ^{ponto} de vista humano esse desejo é bastante compreensível. Com prazer concedo a licença para esse encontro.

SRA. ROSE - E como vai meu Johann Wilhem?

(A doutora folheia o relatório).

DOCTORA - Nosso bom Möbius não progride nem regride, senhora Rose. Está encastrado em seu próprio mundo.

SRA. ROSE - Ainda afirma ver aparições do Rei Salomão diante dele?

DOCTORA - Ainda.

SRA. ROSE - Ele sabe que eu ... quero dizer, sabe do divórcio?

DOCTORA - Foi informado.

SRA. ROSE - E compreendeu?

DOCTORA - Quase não se interessa mais pelo mundo exterior.

SRA. ROSE - Por favor, compreenda-me, doutora. Sou cinco anos mais velha do que Johann Wilhem. Conheci-o quando ele tinha quinze anos e estudava no ginásio, já que alugou uma mansarda na casa de meu pai. Era órfão e tremendamente pobre. Eu lhe possibilitei o vestibular e depois o curso de física. Em seu vigésimo aniversário, nós nos casamos. Contra a vontade de meus pais. Trabalhávamos dia e noite. Enquanto ele escrevia sua tese, eu me empreguei numa empresa de transportes. Quatro anos mais tarde nasceu Adolf-FRIEDRICH, nosso filho mais velho e depois Jörg-lukas. Finalmente apresentou-se uma oportunidade de uma cátedra e nós acreditamos poder respirar novamente. Mas Johann Wilhem adoeceu e sua doença e seu sofrimento nos consumiram uma fortuna. Empreguei-me então na firma Töbler, uma fábrica de chocolates, para sustentar minha família.

(Enxuga silenciosamente uma lágrima).

SRA. ROSE - Cansei-me durante uma vida inteira.

(Todos estão comovidos).

DOCTORA - Senhora Rose, a senhora é uma mulher corajosa.

MISSIONÁRIO ROSE - É uma boa mãe.

SRA. ROSE - Doutora, possibilitei a permanência de Johann Wilhem aqui em seu sanatório. O custo disso foi sempre muito superior aos meus recursos, mas Deus sempre me ajudou. Agora, no entanto, estou financeiramente esgotada. Não consigo mais juntar o dinheiro necessário.

DOUTORA - Compreende-se, senhora Rose.

SRA. ROSE - Temo que agora a srta. pense que só me casei com Oskar para escapar de minhas obrigações para com Johann Wilhem. Mas não é verdade. As coisas agora estão ainda mais difíceis, já que Oskar traz seis crianças ao nosso casamento.

DOUTORA - Seis?

MISSIONÁRIO ROSE - Seis.

SRA. ROSE - Seis. Oskar é um pai devotadíssimo. No entanto, agora temos de alimentar nove bocas, Oskar não é muito forte e seu salário bastante modesto.

(Chora).

DOUTORA - Deixe disso, senhora Rose, deixe disso. Nada de lágrimas.

SRA. ROSE - Não quero de me condenar por ter abandonado meu pobre ... Johann Wilhemzinho.

DOUTORA - Senhora Rose! Não precisa apoquentar-se.

SRA. ROSE - Com toda certeza poderemos internar Johann Wilhemzinho numa instituição pública.

DOUTORA - Mas nada disso, senhora Rose. Nosso bravo Möbius ficará aqui na "Villa". Ele já se acostumou a viver aqui, onde fez bons amigos. Afinal, não sou uma monstra.

SRA. ROSE - A srta. é tão boa comigo, doutora.

DOUTORA - Que nada, senhora Rose, que nada. Temos as doações. O dinheiro está por aí como o capim. É minha obrigação, como médica, é trazer algum pazza o seu Johann Wilhemzinho. Quero que parta para as Marianas com a consciência tranqüila. E agora está na hora de trazermos para cá nosso bom Möbius.

(Vai ao fundo e abre a porta nº

1. A sra. Rose ergue-se, afoita).

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



DOCTORA - Caro Möbius, o senhor tem visitas. Deixa de lado o seu gabinete de física e venha cumprimentá-las.

(Johann Wilhelm Möbius aparece vindo do quarto número 1. É um homem de quarenta anos, um tanto desprotegido. Olha ao redor do salão, inseguro, contempla a senhora Rose, depois os meninos e finalmente o missionário Rose e parece nada entender, permanecendo calado).

SRA. ROSE - Johann Wilhelm.

OS MENINOS - Papai!

(Möbius se cala).



DOCTORA - Meu cara Möbius, espero que esteja reconhecendo sua esposa.

(Möbius olha a senhora Rose fixamente).

MÖBIUS - Lina?

DOCTORA - Está esquentando, Möbius. Naturalmente que é a sua Lina.

MÖBIUS - Como está, Lina?

SRA. ROSE - Johann Wilhelmzinho, meu querido, querido Johann Wilhelmzinho.

DOCTORA - Então, as coisas estão em ordem. Senhora Rose, senhor Missionário, se ainda desejarem falar comigo, estarei à sua disposição no novo prédio.

(Sai pela esquerda).

SRA. ROSE - Seus filhos, Johann Wilhelm.

(Möbius admirado).

MÖBIUS - Dois?

SRA. ROSE - Mas é claro, Johan Wilhelm, dois.

(Apresenta-lhe os meninos).

SRA. ROSE - Adolf-Friedrich, meu filho mais velho.

(Möbius aperta-lhe a mão).

MOBIUS - Muito prazer, Adolf-Friedrich, meu filho mais velho?

ADOLF-FRIEDRICH - Como está, papai?

MOBIUS - Quantos anos você tem, Adolf-Friedrich?

ADOLF-FRIEDRICH - Dezesesseis, papai?

MOBIUS - E o que você quer ser?

ADOLF-FRIEDRICH - Pastor, papai.

MOBIUS - Estou me lembrando. Uma vez, passeávamos pela praça São José, segurando sua mão. O sol brilhava claro e as sombras estavam bem destacadas.

(MOBIUS volta-se ao próximo).

SRA. ROSE - Seu filho mais novo, Jorg-Lukas, tem catorze anos.

MOBIUS - Como está Jorg-Lukas, meu filho mais novo?

SRA. ROSE - É o que mais se parece com você.

JORG-LUKAS - Quero ser físico, papai.

(Möbius olha seu filho mais novo espantado).

MOBIUS - Físico?

JORG-LUKAS - Isso mesmo, papai.

MOBIUS - Você não deve fazer isso, Jorg-Lukas. De modo algum. Aconselho a que não o faça. Eu ... eu lhe proíbo.

(Jorg-Lukas está espantado).

JORG-LUKAS - Mas você também é físico, papai e...

MOBIUS - E eu nunca deveria ter feito isso, Jorg-Lukas. Nunca. E agora não estaria num hospício.

SRA. ROSE - Mas Johann Wilhelm, você está enganado. Isto aqui é um sanatório, não um hospício. Seus nervos só estão cansados, nada mais.

(Möbius sacode a cabeça).

MOBIUS - Não, Lina. Os outros acham que eu estou louco. Todos. Você também. E meus filhos. Só porque o rei Salomão me aparece.

(Todos se calam, respeitosos. A Sra. Rose apresenta o Missionário Rose).

SRA. ROSE - Quero apresentar-lhe Cesar Rose, Johann Wilhelm. É meu marido. Ele é missionário.



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

MOBIUS - Com marido? Mas sou eu o seu marido.

SRA. ROSE - Não mais, Johann Wilhelm.

(Enrubesce).

SRA. ROSE - Nós nos divorciamos.

MOBIUS - Divorciamos?

SRA. ROSE - Pois você não sabe?

MOBIUS - Não.

SRA. ROSE - A doutora von Zahn falou com você. Com toda a certeza.

MOBIUS - É possível.

SRA. ROSE - E depois eu me casei com Oskar. Ele tem 6 filhos. Foi pastor em Guttannen e agora aceitou um posto junto às Marianas.

MOBIUS - Marianas?

MISSIONÁRIO ROSE - No oceano Pacífico.

SRA. ROSE - Depois de amanhã vamos embarcar em Bremen.

MOBIUS - Ah, é?

(Olha fixamente o Missionário Rose. Todos se calam, respeitosos).

SRA. ROSE - Pois é. Assim é a vida.

(Möbius acena ao Missionário Rose com a cabeça).

MOBIUS - Estou contente por conhecer o novo pai de meus filhos, senhor missionário.

MISSIONÁRIO ROSE - Já os coloquei bem estreitados junto ao meu coração, sr. Möbius, todos os dois. Deus nos ajudará, segundo o Salmo que diz: "O Senhor é meu pastor, nada me faltarão."

SRA. ROSE - Oskar sabe todos os salmos de cor. Os Salmos de Davi, os Salmos de Salomão.

MOBIUS - Alegro-me por saber que meus filhos encontraram um pai trabalhador. Fui um pai insuficiente.

(Os dois meninos protestam).

OS MENINOS - Que nada papai, papai!

MOBIUS - E também Lina encontrou um marido mais bonrado.

SRA. ROSE - Mas Johann Wilhelmzinbo ...



MOBIUS - Desejo-lhes felicidades de todo o coração.

SRA. ROSE - Breve teremos de ir embora.

MOBIUS - Para as Mariamas.

SRA. ROSE - Teremos de nos despedir.

MOBIUS - Para sempre.

SRA. ROSE - Seus filhos são muito musicais, Johann Wilhelm. Toquem alguma coisa para o papai, antes de partirmos.

OS MENINOS - Sim, mamãe.

(Adolf- Friedrich abre a pasta e começa a distribuir as flautas).

MOBIUS - Não, por favor. É melhor que não toquem.

SRA. ROSE - Mas Johann Wilhelm.

MISSIONÁRIO ROSE - Sr. Möbius. Mas é o próprio Salomão que irá se alegrar com a música das flautas dessas crianças. Pense bem, Salomão, o poeta dos Salmos, Salomão, o cantor do canto mais alto!

MOBIUS - Senhor missionário. Conheço Salomão pessoalmente. Ele não é mais o grande rei dourado, cantor de Sulamita e dos veados gêmeos que pastam nos roseirais. ^{Ele} Lançou fora seu manto de púrpura (Möbius, de repente, passa correndo por sua assustada família indo à porta de seu quarto que abre com violência). Está hú e fedorento em meu quarto como o rei da verdade e os seus Salmos são terríveis. Ouça bem, Missionário, o senhor que ama os Salmos, que conhece todos, aprenda também os seguintes:

(Foi para a mesa redonda à esquerda, virou-a de pernas para o ar e sentou-se entre estas.)

Um Salmo de Salomão, para os navegadores do espaço

Nós nos lançamos no Universo

Aos desertos da lua, naufragamos em seu pó

Onde alguns já apodreciam

Silenciosos. A maior parte deles, no entanto,

Cozinham nas emanções plúmbeas de Mercúrio, dissolviam-se

Nos pegos de óleo de Vênus e

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Até mesmo em Marte o sol nos devorava
trovejante, radiactivo e amarelo
Júpiter fedia

Uma massa de metano girando rapidamente
Fairava tão poderosa sobre nós
Que cagamos toda Ganimedes

SRA. ROSE- Mas, Johann Wilhelm...

MOBIUS - Cobrimos Saturno de imprecacões
E não vale falar daquilo que se seguiu



Urano Netuno
Cinza-esverdeados, gelados
Sobre Plutão e Transplutão caíram as últimas
anedotas indecentes

ENFERMEIRA-CHEFE- Vamos, vamos, sr. Möbius !

(A enfermeira-chefe, acompanhada da enfermeira Monika, entrou no salão pela direita. Möbius está teso, o rosto uma máscara, sentado na mesa revirada)

MOBIUS - E agora partam para as Marianas !

SRA ROSE = Johann Wilhemzinbo...

OS MENINOS - Papai ...

MOBIUS -Partam agora ! Depressa ! Para as Marianas !

(Ergue-se ameaçador. A família está confusa).

ENFERMEIRA -CHEFE - Um pequeno acesso. Vamos, senhora Rose, vamos meninos, senhor Missionário . Ele só precisa se acalmar.

MOBIUS -Para fora , vocês todos ! Para fora !

ENFERMEIRA -CHEFE - Um pequeno acesso. A enfermeira Monika ficará com êle e o acalmará. Um pequeno acesso.

MOBIUS- Partam agora ! Para sempre ! Para o oceano Pacífico!

JORG-LUKAS - Adeus, papai ! Adeus !

(A enfermeira - chefe leva para fora a família comovida e chorosa . Möbius segue-a com seus gritos desregrados)

MOBIUS - Nunca mais quero vê-los ! Vocês ofenderam o Rei Salomão ! Sejam malditos ! Que se afoguem vocês e todas as Marianas ! A onze mil metros de profundidade ! Que apodreçam no mais negro fundo do oceano, esquecidos de Deus e dos homens !

ENFERMEIRA MONIKA - Já estamos sozinhos. Sua família não ~~h~~ave mais !

(Möbius contempla a enfermeira Monika espantado e parece reconstrair-se finalmente).

MOBIUS - Ah, sim, naturalmente.

(A enfermeira Monika se cala. Ele está pouco preocupado).

MOBIUS - Fui violento demais?

ENFERMEIRA MONIKA - Bastante.

MOBIUS - Tinha de dizer a verdade.

ENFERMEIRA MONIKA - É claro.

MOBIUS - Irritei-me.

ENFERMEIRA MONIKA - O senhor esqueceu-se de si.

MOBIUS - E a senhora me analisou?

ENFERMEIRA MONIKA - Afinal trato do senhor há dois anos,

(Ele caminha de um lado para o outro e depois para).

MOBIUS - Esta bém, eu fingi estar maluco.

ENFERMEIRA MONIKA - E por que?

MOBIUS - Para despedir-me de minha mulher e de meus filhos. Para sempre.

ENFERMEIRA MONIKA - Deste modo horrível?

MOBIUS - Deste modo humano. Já que estamos no hospício, a melhor maneira de apagarmos o passado é agirmos como possessos. Agora minha família pode esquecer-me com a consciência tranquila. Pode ficar sossegada, enfermeira Monika. Tudo está em ordem, agora.

(Quer sair).

ENFERMEIRA MONIKA - O senhor agiu de acordo com um plano.

MOBIUS - Eu sou físico.



(Volta-se para seu quarto).

ENFERMEIRA MONIKA - Senhor Möbius

(Möbius para).

MOBIUS - Senhorita?

ENFERMEIRA MONIKA - Tenho de conversar com o senhor.

MOBIUS - Pois não.

ENFERMEIRA MONIKA - Trata-se de nós dois.

MOBIUS - Vamos nos sentar.

(Sentam-se, ela no sofá e ele na poltrona à esquerda).

ENFERMEIRA MONIKA - Nós também temos de nos despedir. Para sempre.

(Ele se assusta).

MOBIUS - Vai me deixar?

ENFERMEIRA MONIKA - Deram-me ordens.

MOBIUS - O que foi que aconteceu?

ENFERMEIRA MONIKA - Fui transferida para o edifício principal. A partir de amanhã enfermeiros virão cuidar daqui. As enfermeiras estarão proibidas de frequentar a "VILLA".

MOBIUS - Por causa de Newton e Einstein?

ENFERMEIRA MONIKA - Por exigência do promotor. A médica-chefe teme maiores dificuldades e foi obrigada a ceder.

(Silêncio. Ele está abatido).

MOBIUS - Enfermeira Monika, estou desolado. Desaprendi a expressar meus sentimentos já que a linguagem técnica mantida com os dois doentes junto aos quais vivo nunca poderia ser chamada de conversação. Mas quero que saiba que, para mim, tudo se modificou desde o dia em que a conheci. As coisas ficaram mais suportáveis. Por seu intermédio, adquiri a coragem de tomar sobre mim o meu encarceramento e meu destino como ... louco. Adeus e passe bem.

(Levanta-se e quer estender a mão).

ENFERMEIRA MONIKA - Senhor Möbius, eu não o considero ... louco.

(Möbius ri e torna a sentar-se).

MOBIUS - Eu também não me considero isso. Mas isto em nada modifica



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

a minha situação, Tenho o azar de receber as aparições do Rei Salomão -
mão. Nada há de mais impossível para a ciência de que um milagre.

ENFERMEIRA MONIKA - Senhor Möbius, eu acredito neste milagre.

(Möbius encara-a atônito).

MOBIUS - Acreditar

ENFERMEIRA MONIKA - No Rei Salomão.

MOBIUS - Que ele me aparece?

ENFERMEIRA MONIKA - Que ele lhe aparece.

MOBIUS - Todos os dias, todas as noites?

ENFERMEIRA MONIKA - Todos os dias e todas as noites.

MOBIUS - Que ele dita os segredos da natureza para mim? A relação
entre todas as coisas? O sistema de todas as invenções possíveis?

ENFERMEIRA MONIKA - Acredito nisso. E se o senhor contasse que o Rei
David com toda a sua corte também lhe aparece, eu lhe acreditaria.
Por que sei que o senhor não é doente. Eu sinto isso.

(Silêncio. Depois Möbius levanta
-se de um salto).

MOBIUS - Enfermeira Monika! É melhor que se vá.

(Ela fica sentada).

ENFERMEIRA MONIKA - Eu vou ficar.

MOBIUS - Nunca mais quero vê-la.

ENFERMEIRA MONIKA - O senhor tem necessidade de mim. Não tem a mais
ninguém no mundo, ninguém.

MOBIUS - Acreditar no Rei Salomão apresenta perigo de vida.

ENFERMEIRA MONIKA - Eu o amo.

(Möbius encara a enfermeira Monika
incrédulo e torna a sentar-se. Si-
lêncio).

MOBIUS - (Em voz baixa) A senhora está correndo rumo à sua perdição.

ENFERMEIRA MONIKA - Não temo por mim, temo pelo senhor. Newton e Ein-
stein são perigosos.

MOBIUS - Eu me arrumo com elas.

ENFERMEIRA MONIKA - Também as enfermeiras Dorothea e Irene se arruma-
vam com eles. E foram mortas.

MOBIUS - Enfermeira Monika, a senhora confessou-me sua crença e seu



amor. Obrigada a dizer também a verdade. Eu também amo, Monika.

(Ela o olha fixamente)

MOBIUS - Mais do que minha vida. E por isso você está em perigo. Por que nós nos amamos.

(Do quarto nº 2 aparece Einstein, fumando um cachimbo).

EINSTEIN - Acordei de novo.

ENFERMEIRA MONIKA - Mas Senhor Professor!

EINSTEIN - De repente me acorde.

ENFERMEIRA MONIKA - Senhor Professor!

EINSTEIN - Estrangulei a enfermeira Irene.

ENFERMEIRA MONIKA - Não pense mais nisso, senhor Professor.

(Ele olha suas mãos).

EINSTEIN - Será que poderei tocar violino novamente?

(Möbius ergue-se como para proteger Monika).

MOBIUS - Mas o senhor já tocou de novo.

EINSTEIN - Mais ou menos?

MOBIUS - A Sonata de Kreutzer. Durante a visita da polícia.

EINSTEIN - A Sonata de Kreutzer. Graças à Deus.

(Seu rosto torna-se mais alegre mas volta a se ensombrecer).

EINSTEIN - E, no entanto, não gosto nada de tocar violino e também não gosto de fumar cachimbo. Tem um gosto horrível.

MOBIUS - Pois então deixe.

EINSTEIN - Mas eu não posso, sendo Albert Einstein.

(Olha os dois muito detidamente).

EINSTEIN - Vocês se amam?

ENFERMEIRA MONIKA - Nós nos amamos.

(Tentativo, Einstein caminha para o fundo, onde se encontrava a enfermeira assassinada).

EINSTEIN - Também a enfermeira Irene e eu nos amávamos. Ela queria fazer tudo por mim, a enfermeira Irene. Eu preveni. Gritei com ela. Tratei-a como uma cadela. Implorei que fugisse. Inútil, ela ficou.



Ela queria morar comigo no campo. Queria casar-se comigo. Já obtive-
ra mesmo o consentimento da doutora von Zahnd. E então eu a estrangulei.
Pobre enfermeira Irene. Nada existe no mundo mais sem sentido do
do que a loucura com a qual as mulheres se sacrificam.

(A enfermeira Monika caminha até
ele).

ENFERMEIRA MONIKA - Torne a deitar-se, professor.

EINSTEIN - Pode chamar-me de Albert.

ENFERMEIRA MONIKA - Vamos, Albert, tenha juízo.

EINSTEIN - Tenha juízo você, enfermeira Monika. Obedeça a seu amado
e fuja! Senão estará perdida.

(Volta-se para o quarto número 2).

EINSTEIN - Vou dormir de novo.

(Desaparece no quarto nº 2).

ENFERMEIRA MONIKA - Pobre louco.

MOBIUS - Pois deveria tê-la convencido da impossibilidade que tenho
de amá-la.

ENFERMEIRA MONIKA - Você não está louco.

MOBIUS - Seria mais conveniente que você achasse que sim. Fuja! Desapareça!
Dê o fora! Senão serei obrigado a tratá-la também como uma
cadela.

ENFERMEIRA MONIKA - Seria melhor se me tratasse como uma amante.

MOBIUS - Venha cá, Monika.

(Leva-a a uma poltrona, senta-se
diante dela, segura suas mãos).

MOBIUS - Ouça bem. Cometi um grande erro. Revelei o meu segredo
quando não me calei sobre as aparições de Salomão. E por isso ele o
briga-me a penitenciar-me. A vida inteira. Está bem. Mas você não
precisa sofrer por isto também. Aos olhos do mundo está amando
um louco. Você só está procurando uma carga de infelicidade. Deixe a
sanatório agora, me esqueça. É melhor para nós dois.

ENFERMEIRA MONIKA - Você me deseja?

MOBIUS - Por que está falando assim comigo?

ENFERMEIRA MONIKA - Quero dormir com você, quero ter filhos seus. Sei
que estou falando sem o menor pudor. Mas por que você não olha para



Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

mim? Não lhe agrado, mesmo que meu uniforme de enfermeira seja hor-
rível?

(Arranca a touça de seus cabelos).

ENFERMEIRA MONIKA - Detesto minha profissão. Há cinco anos trato de
doentes, em nome do amor ao próximo. Nunca virei o rosto, estive à
disposição de todos, sacrifiquei-me. Mas agora quero sacrificar-me à
uma só pessoa, viver para só uma pessoa, e não para os outros. Quero
viver para o meu amado. Quero fazer tudo o que você quiser que eu fa-
ça, quero trabalhar para você dia e noite. A única coisa que você
não pode fazer comigo é obrigar-me a ir embora, ~~para~~ ~~de~~ ~~o~~ ~~que~~ ~~eu~~ ~~tenho~~ ~~à~~ ~~você~~
no mundo! Eu também sou sozinha!

MÜBIUS - Monika, tenho de mandá-la embora.

ENFERMEIRA MONIKA - (desesperada) - Mas você não me ama nem um pouco?

MÜBIUS - Eu a amo, Meus Deus, eu a amo. E aí é que está a loucura.

ENFERMEIRA MONIKA - Então porque me trai? E não trai a mim somente.
Você não diz que o Rei Salomão lhe aparece? Por que o trai também?

(Möbius, muito excitado, segura-a).

MÜBIUS - Monika, pode pensar o que quiser de mim, pode acbar-me um
fraco. É seu direito. Eu não sou digno de seu amor, Mas fiquei fiel
a Salomão. Ele penetrou na minha existência de repente, sem ser cha-
mado, usou de mim como quis, destruiu minha vida e eu nunca o trai.

ENFERMEIRA MONIKA - Tem certeza?

MÜBIUS - E você duvida?

ENFERMEIRA MONIKA - Você acredita que tem de se penitenciar por não
ter calado sobre a aparição. Mas talvez esteja se penitenciando pelo
fato de não querer dispor-se a servir às revelações de Salomão.

(Ele a solta).

MÜBIUS - Não compreendo.

ENFERMEIRA MONIKA - Ele lhe dita o sistema de todas as invenções pos-
síveis. E você, está lutando pelo reconhecimento desse sistema?

MÜBIUS - Pois eu não sou tido como louco?

ENFERMEIRA MONIKA - Por que você é tão sem coragem?

MÜBIUS - No meu caso, a coragem é um crime.

ENFERMEIRA MONIKA - Johann Wilhelm, eu falei com a doutora von Zahn.

(Möbius a encara).



MOBIUS - Sobre o que?

ENFERMEIRA MONIKA - Você está livre.

MOBIUS - Livre?

ENFERMEIRA MONIKA - Nós podemos nos casar.

MOBIUS - Meu Deus!

ENFERMEIRA MONIKA - A doutora von Zabnd já arranjou tudo. Ela o considera doente, mas sem representar qualquer perigo, mesmo quanto à sua descendência. Ela me disse que se considerava mais louca que você e depois riu.

MOBIUS - Muito gentil da parte dela.

ENFERMEIRA MONIKA - Ela não é mesmo uma ótima pessoa?

MOBIUS - Claro.

ENFERMEIRA MONIKA - Johann Wilhelm, aceitei o posto de enfermeira comunal em Blumentein. Eu tenho economias, não precisamos nos preocupar. Só temos de amar-nos de verdade.

(Möbius levanta-se. O salão está quase às escuras).

ENFERMEIRA MONIKA - Não é maravilhoso?

MOBIUS - Certo.

ENFERMEIRA MONIKA - Você não está contente.

MOBIUS - Tudo veio assim de repente.

ENFERMEIRA MONIKA - Fiz mais ainda.

MOBIUS - O quê?

ENFERMEIRA MONIKA - Falei com o famoso físico professor Scherbert.

MOBIUS - Foi meu professor.

ENFERMEIRA MONIKA - Lembra-se bem de você, como de seu melhor aluno.

MOBIUS - E o que foi que você falou à ele?

ENFERMEIRA MONIKA - Ele prometeu-me examinar seus manuscritos sem qualquer preconceito.

MOBIUS - Você lhe disse que são de autoria de Salomão?

ENFERMEIRA MONIKA - Claro que sim.

MOBIUS - E ...?

ENFERMEIRA MONIKA - Ele riu. Disse que você sempre foi um piadista.

Johann Wilhelm, não devemos pensar só em nós. Você é eleito, Salomão apareceu à sua frente revelando todo o seu esplendor.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

participando-lhe sua divina sabedoria. Agora você tem que trilhar o caminho indicado pelo milagre, sem errar, mesmo que o caminho passe pela zombaria e pelo riso dos outros, pela falta de fé e pela dúvida. Mas ele leva você para fora desse sanatório, Johann Wilhelm, leva à vida pública e não ao ensimesmamento, leva à luta. Eu estou aqui para ajudá-lo. O céu que lhe enviou Salomão enviou também a mim.

(Möbius olha fixamente para fora da janela).

ENFERMEIRA MONIKA - Meu querido.

MOBIUS - Sim, meu amor?

ENFERMEIRA MONIKA - Você não está contente?

MOBIUS - Muito.

ENFERMEIRA MONIKA - E agora temos que fazer as suas malas. O trem parte às oito e vinte, a caminho de Blumenfeld.

MOBIUS - Não tenho muita coisa.

ENFERMEIRA MONIKA - Já ficou escuro.

MOBIUS - As noites agora chegam cedo.

ENFERMEIRA MONIKA - Vou acender a luz.

MOBIUS - Espere um pouco. Venha cá.

(Ela vai até ele. Só se avistam as suas silhuetas).

ENFERMEIRA MONIKA - Seus olhos estão lacrimejados,

MOBIUS - Os seus também.

ENFERMEIRA MONIKA - Lágrimas de felicidade.

(Ele arranca a cortina com a qual cobre a enfermeira Monika. Breve luta. As silhuetas não são mais visíveis. Depois silêncio. A porta do quarto nº 3 se abre. Um feixe de luz penetra no salão. Newton está parado junto à porta vestindo trajes de seu século. Möbius levanta-se).

NEWTON - O que foi que aconteceu?



MOBIUS - Estrangulei a enfermeira Monika Stetler.

(Do quarto nº 2 ouvimos tocar o violino de Einstein).

NEWTON - Einstein está tocando de novo. Kreisler. "Bela Rosmarin".

(Vai à lareira buscar o conhaque).

F I M D O P R I M E I R O A T O



A T O . I I

(Uma hora mais tarde. Mesmo cenário. Lá fora, a noite. Novamente policiais. Novamente medidas, desenhos, fotografias. Só que agora, o cadáver de Monika Stettler, invisível para o público, está supostamente atrás, à direita, sob a janela. O Salão está iluminado. Estão acesos o lustre e a lâmpada de pé. No sofá senta-se a srta. Dra. Mathilde von Zabnd, sombria, ensimesmada. Na mesinha à sua frente uma caixa de charutos, na poltrona à direita, fora, Gubi com um bloco de estenografia. O inspetor Voss, de sobretudo e chapéu, dá as costas ao cadáver e vem para a frente).

DOUTORA - Um Havana?

INSPECTOR - Não, obrigado.

DOUTORA - Aguardente?

INSPECTOR - Mais tarde.

(Silêncio).

INSPECTOR - Blocher, pode fotografar agora.

BLOCHER - Sim, senhor inspetor.

(São tiradas fotografias. Clarões)

INSPECTOR - Qual era o nome da enfermeira?

DOUTORA - Monika Stettler.

INSPECTOR - Idade?

DOUTORA - Vinte e cinco anos.

INSPECTOR - Anotou as declarações, Gubi?

GUBI - Sim, senhor inspetor.

INSPECTOR - Também foi estrangulada, doutor?

MÉDICO DO TRIBUNAL - Sem dúvida. Outra vez uma força gigantesca. Só que desta vez usaram o cordão da cortina.



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

INSPECTOR - Como há três meses atrás.

(Senta-se, cansado, na poltrona na frente, à direita).

DOCTORA - Deseja que o assassino ...

INSPECTOR - Por favor, Doutora.

DOCTORA - Quero dizer, quer ver o autor?

INSPECTOR - Nem penso nisso.

DOCTORA - Mas ...

INSPECTOR - Doutora von Sahnd, cumpre com meu dever, faço o protocolo, examino o cadáver, mando fotografar e determino o exame do médico do tribunal. Mas não vou ver Möbius. Esse fica por sua conta. Para sempre. Com os outros físicos nucleares.

DOCTORA - E o promotor?

INSPECTOR - Nem está mais louco. Limita-se a chorar.

(Ela enxuga o suor).

DOCTORA - Está quente aqui.

INSPECTOR - Bem pouco.

DOCTORA - Esse terceiro assassinato ...

INSPECTOR - Por favor, Doutora.

DOCTORA - Esse terceiro acidente era o que estava me faltando em Les Gerisiers. Agora posso renunciar. Monika Stettler era minha melhor enfermeira. Ela entendia os doentes, sentia o que eles sentiam. Eu a amava como uma filha. Mas a sua morte não é o pior. Minha reputação profissional desapareceu.

INSPECTOR - Ela volta. Blocher, faça mais uma fotografia, de cima.

BLOCHER - Sim, senhor inspetor.

(Da direita, dois enfermeiros gigantes empurram um carro com bouça e comida para dentro).

(Estão acompanhados de um enfermeiro-chefe igualmente gigantesco.)

ENFERMEIRO-CHefe - O jantar dos queridos pacientes, Doutora.

(O inspetor ergue-se de um salto).



INSPECTOR - Uwe Sievers!

ENFERMEIRO CHEFE - Sim, senhor inspetor. Uwe Sievers, antigo campeão europeu de peso pesado. Agora, o enfermeiro-chefe de Los Cerisiers.

INSPECTOR - E estes dois outros gigantes?

ENFERMEIRO -CHEFE - Murillo, campeão sul-americano, também de peso pesado e McArthur (mostra o outro), campeão norte-americano de peso médio. Arrumem a mesa.

(Os enfermeiros arrumam a mesa).

ENFERMEIRO-CHEFE - Comida de primeira classe.

INSPECTOR - E eu sou um funcionário de décima quarta classe. Lá em casa as coisas não são assim tão culinárias.

ENFERMEIRO-CHEFE - Está servido, Doutora.

DOCTORA - Pode ir, Sievers. Eu própria servirei os pacientes.

ENFERMEIRO-CHEFE - Tivemos prazer, senhor Inspetor.

(Os três inclinam-se e saem pela direita. O Inspetor olha a sua saída).

INSPECTOR - Maravilha.

DOCTORA - Está contente?

INSPECTOR - Tira inveja. Se esses aí trabalhassem na polícia ...

DOCTORA - Os salários são astronômicos.

INSPECTOR - E a srta. pode se dar a este luxo. Esses moços vão finalmente devolver o sossego ao promotor. Desse ninguém escapa.

(No quarto nº 2 ouvimos Einstein tocando violino).

INSPECTOR - E Einstein torna a tocar.

DOCTORA - Kreisler, como na maioria das vezes.

BLOCHER - Já estamos prontos, Inspetor.

INSPECTOR - Pois então levem o cadáver para fora.

(Os policiais erguem o cadáver. É quando Möbius entra bruscamente, vindo do quarto nº 1).

MÖBIUS - Monika! Meu amor!

(Os policiais estacionam com o cadáver. A sta. Dra. levanta-se).

DOCTORA - Möbius! Como pôde fazer isso? O senhor matou minha mãe, minha enfermeira, minha mãe mais suave enfermeira, minha mãe mais doce enfermeira!

MOEBIUS - E tenha a certeza de que sinto muito, Doutora.

DOCTORA - Sente muito?

MOEBIUS - Ordens do Rei Salomão.

DOCTORA - Rei Salomão.

(Torna a sentar-se. Resada. Téli -
da).

DOCTORA - Sua majestade ordenou o assassinato?

MOEBIUS - Eu estava parado junto à janela, olhando a noite escura, lá fora. Foi quando o Rei veio voando do parque, por sobre o terraço, pára bem perto de mim, murmurando sua ordem através da vidraça.

DOCTORA - Desculpe, Senhor Voss. Os meus nervos.

INSPECTOR -- Está bem.

DOCTORA -- Uma instituição como esta esgota.

INSPECTOR - Sou capaz de imaginar.

DOCTORA - Vou descansar um pouco.

(Ergue-se).

DOCTORA - Senhor Inspetor, faça o favor de informar ao promotor sobre o nosso pesar quanto aos acontecimentos em meu sanatório. Assegure-lhe que tudo agora está em ordem. Senhor Médico do Tribunal, meus senhores, muito prazer.

(Frineiro vai para trás, à esquerda, curva-se diante do cadáver, num ritual festivo, depois olha Möbius e sai pela direita).

INSPECTOR - Está bem, agora podem ^{levar} definitivamente o cadáver para a capela. Para junto da enfermeira Irene.

MOEBIUS - Monika!

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 91.025

(Os dois policiais saem com o cadáver e aparecem. O médico do Tribunal segue-os).

MOEBIUS - Minha querida Monika!

(O inspetor encaminha-se para a mesinba junto ao sofá).

INSPECTOR - Agora tenho mesmo necessidade de um Havana. Eu bem que o mereci.

(Tira um charuto enorme do cachaço e o contempla).

INSPECTOR - Coisa bonita.

(Morde a ponta e acende o charuto),

INSPECTOR - Meu caro Möbius, atrás da grade da lareira está escondida a garrafa de conbaque de Sir Isaac Newton.

MÖBIUS - Pois não, senhor Inspetor.

(O Inspetor dá grandes puxadas, enquanto Möbius vai buscar a garrafa e o cálice).

MÖBIUS - Posso servir?

INSPECTOR - Por favor.

(Toma o cálice. Bebe)

MÖBIUS - Senhor Inspetor, devo pedir-lhe que me prenda

INSPECTOR - Mas para quê, meu caro Sr. Möbius?

MÖBIUS - Por que fui eu quem ... a enfermeira Monika ...

INSPECTOR - Segundo seu depoimento, agiu de acordo com ordens do Rei Salomão. Enquanto puder não prender a este, o Sr. ficará livre.

MÖBIUS - Ainda assim ...

INSPECTOR - Não há nada de ainda assim. E agora torne a guardar o conbaque, senão os enfermeiros vão enxugá-lo.

MÖBIUS - Sim, senhor Inspetor.

(Guarda o conbaque).

INSPECTOR - Sabe, todos os anos eu prendo alguns assassinos. Alguns deles eu prendo com prazer, os outros me dão pena. E ainda assim tenho de prendê-los. Direito é direito. E agora aí estão o senhor e seus dois colegas. De início, eu me zanguei, por não poder tomar nenhuma atitude. Agora, de repente, eu me devirto. Achei três assassinos que não tenho de prender, sem que com isso fique de consciência pesada. Toda primeira vez o direito está de férias. É um sentimento fabu-



Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

loso. Passe bem. Faça o favor de cumprimentar muito amavelmente a Newton e a Einstein, recomendando-me a Salomão.

(O Inspetor sai, Möbius está sozinho. Senta-se na cama, comprime a cabeça com as mãos. Do quarto nº3 aparece Newton).

NEWTON - O que tem para comer?

(Möbius se cala. Newton ergue a tampa da soneira).

NEWTON - Sopa de almôndegas de fígado.

(Descobre as outras travessas sobre o carrinho).

NEWTON - "Foulet à la Brèche", "Gordon Bleu". Curioso. De hábito comemos coisa mais leve, à noite. E mais modesta. Desde que os outros pacientes estão na nova construção.

(Serve-se da sopa).

NEWTON - Está sem fome?

(Möbius se cala).

NEWTON - Entendo. Depois da minha enfermeira também perdi o apetite.

(Senta-se e começa a comer a sopa; Möbius ergue-se e quer voltar a seu quarto.).

NEWTON - Fermeça, por favor.

MÖBIUS - Descja, Sir Isaac?

NEWTON - Tenho que lhe falar, Möbius.

(Möbius fica parado).

MÖBIUS - Sim ... ?

(Newton aponta a comida).

NEWTON - O senhor não quer mesmo provar a sopa? Está excelente.

MÖBIUS - Não, obrigado.

NEWTON - Meu caro sr Möbius, já não somos tratados por enfermeiras, mas sim vigiados por enfermeiros. Uns rapazes gigantescos.

MÖBIUS - O que não tem importância.

NEWTON - Talvez não para o senhor, sr, Möbius. Está claro que o senhor descja permanecer a vila inteira dentro de um benefício, mas para sim'



tem importância, já que eu pretendo sair.

(Termina a sopa)

NEWTON - Bem, Passemos ao "Foulet à la broche".

(Serve-se).

NEWTON - Os enfermeiros obrigam-me a agir, ainda hoje.

MOBIUS - Problema seu.

NEWTON - Nem tudo. Uma confissão, senhor Möbius: eu não sou louco.

MOBIUS - Naturalmente que não, sir Isaac.

NEWTON - Eu não sou sir Isaac Newton.

MOBIUS - Eu sei. O senhor é Albert Einstein.

NEWTON - Bobagem. E também não sou Herbert Georg Beutler, como pensam. Meu nome verdadeiro é Kilton, meu filho.

(Möbius encara-o amedrontado).

MOBIUS - Alec Jasper Kilton ?

NEWTON - Isso mesmo.

MOBIUS - O fundador da teoria da correspondência?

NEWTON - O próprio.

(Möbius aproxima-se da mesa).

MOBIUS - E o senhor se seguiu para dentro daqui?

NEWTON - Fingendo estar louco.

MOBIUS - Para... espionar-me?

NEWTON - Para descobrir a razão de sua loucura. Esse meu alemão inacreditado eu o aprendi na sede do nosso serviço secreto. Erbalho terrível.

MOBIUS - E uma vez que a pobre enfermeira Dorothea descobriu a verdade de o senhor...

NEWTON - Isso mesmo. Lastimo profundamente o fato.

MOBIUS - Compreendo.

NEWTON - Ordens são ordens.

MOBIUS - Naturalmente.

NEWTON - Eu não podia agir de outra forma.

MOBIUS - Claro que não.

NEWTON - Minha missão estava em xeque. A ação mais secreta de nosso serviço secreto. Se quisesse evitar qualquer suspeita, tinha de fazer



A enfermeira Dorothea já não me considerava louco, e medico-chefe julgava-me relativamente doente e sabia provar minha loucura com um assassinato. Sabe, esse "Fouquet à la Broche" está realmente maravi bozo."

(ouve-se Einstein tocar no quarto nº 2).

MOBIUS - Einstein está tocando de novo.

HEWTON - A Gaveta De Bach.

MOBIUS - Sua comida vai esfriar.

HEWTON - Deixe este louco tocando.

MOBIUS - É uma ameaça?

HEWTON - Em o respeito enormemente. Sentiria muito ter que proceder de modo mais enérgico.

MOBIUS - Sua missão é raptar-me?

HEWTON - Caso se confirme a suspeita de nosso serviço secreto.

MOBIUS - Que suspeita?

HEWTON - O senhor é considerado físico mais genista da atualidade.

MOBIUS - Eu sou um homem que sofre de violenta doença dos nervos, na da mais, Kilton.

HEWTON - Nosso serviço secreto tem opinião diferente sobre a matéria.

MOBIUS - E o senhor, que acha de mim?

HEWTON - Acho-o simplesmente o maior físico de todos os tempos.

MOBIUS - E como foi que seu serviço secreto encontrou minha pista?

HEWTON - Por meu intermédio. Por acaso li sua dissertação sobre as bases de uma nova física. Comecei a fazer pesquisas sobre o seu autor e não pude prosseguir. Em vista do que informei ao serviço secreto que continuou os trabalhos.

EINSTEIN - O senhor não foi o único leitor da dissertação, Kilton.

(Apareceu no Salão, o vizinho debaixo do braço e o arco na mão, vindo do quarto nº 2, sem ser percebido).

EINSTEIN - Pois eu também não sou louco. Toso apresentar-me? Também sou físico. Pertencço à um serviço secreto. Só que é bem outro. Meu nome é Joseph Wisler.

~~HEWTON - Não se preocupe de voltar para casa.~~



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone 226.0242 - CEP 90020-025

MOBIUS - O desaparecido do agente-EISLER.

EINSTEIN - Esse mesmo.

NEWTON - Desaparecido em 1950.

EINSTEIN - Por livre vontade.



(Newton, de repente, está com um revólver na mão).

NEWTON - Posso pedir-lhe que se coloque de rosto virado para a parede, senhor Eisler?

EINSTEIN - Claro que sim.

(Encaminha-se rapidamente para a lareira, coloca o violino sobre o parapeito desta, depois vira-se, de súbito, tendo um revólver na mão.)

EINSTEIN - Meu caro senhor Kilton, considerando que nós dois sabemos manejar muito bem nossas armas, acho que seria melhor evitar um duelo, não é mesmo? Com prazer deixarei o meu Browning de lado se o senhor deixar o seu Colt ...

NEWTON - Concordo.

EINSTEIN - Atrás da grade da lareira, junto ao conhaque, isto para o caso dos enfermeiros aparecerem de repente.

NEWTON - Está bem.

(Os dois colocam os revólveres atrás da grade).

EINSTEIN - Você transtornou os meus planos, Kilton. Pensava que fosse realmente louco.

NEWTON - Console-se. Eu também pensava que você era.

EINSTEIN - Aliás, muita coisa andou mal. O caso da enfermeira Irene, hoje à tarde. Ela provocou suspeitas, razão pela qual assinou sua sentença de morte. Lastimo profundamente o fato.

MOBIUS - Compreendo.

EINSTEIN - Ordens são ordens.

MOBIUS - Naturalmente.

EINSTEIN - Eu não podia agir de outra forma.

MÖBIUS - Claro que não.

EINSTEIN - Também a minha missão foi posta em xeque, a ação mais secreta do meu serviço secreto. Vamos sentar-nos.

NEWTON - Vamos sentar-nos.

(Senta-se à esquerda da mesa, Einstein à direita).

MOBIUS - Acho que você, Eisler, também quer me forçar à ...

EINSTEIN - Ora Möbius ...

MOBIUS - ... me levar para o seu país.

EINSTEIN - Afinal, nós também o consideramos o maior dos físicos, Mas, agora, estou interessada é no jantar. É a própria última refeição do condenado.

(Serve-se de sopa).

EINSTEIN - Continua sem apetite, Möbius ?

MOBIUS - Pode servir.

(Newton serve).

NEWTON - Vou atacar o "Cordon Bleu".

MOBIUS - Não faça cerimônia.

NEWTON - Bom proveito.

EINSTEIN - Bom proveito.

MOBIUS - Bom proveito.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



(Comem. Da direita entram os três enfermeiros. O enfermeiro-chefe carrega um bloco de notas).

ENFERMEIRO-CHEFE - Em vista das exigências das autoridades serão impostas algumas medidas de segurança. Murillo, feche as grades.

(Murillo baixa uma grade na janela).

ENFERMEIRO-CHEFE - McArthur, tranque as grades.

(McArthur tranca as grades).

ENFERMEIRO-CHEFE - Os cavalheiros ainda desejam alguma coisa esta noite ?

OS TRÊS FÍSICOS - Não.

(Os três enfermeiros saem. Silêncio).

EINSTEIN - Peras.

NEWTON - No porque estão outros colossos. Há muito já as ^{vid}de minha janela.

(Einstein ergue-se e examina as grades).

EINSTEIN - Sólidos. Com fechaduras especiais.

(Newton vai para a porta de seu quarto, abre-a e olha para dentro).

NEWTON - Também diante da minha janela há uma grade. De repente, como se fosse mágica.

(Abre as outras duas portas do fundo).

NEWTON - O mesmo no quarto de Eister. E no de Möbius.

(Torna a sentar-se. Einstein também).

EINSTEIN - Prisioneiros.

NEWTON - Lógico. Nós e as nossas enfermeiras.

EINSTEIN - Agora só sairemos do hospício se agirmos conjuntamente.

MÖBIUS - Mas eu não estou com vontade de fugir.

EINSTEIN - Möbius ...

MÖBIUS - Não veja a menor razão para isso. Bem ao contrário, estou feliz com meu destino.

(Silêncio)

NEWTON - Pois eu não estou nada feliz com ele, e que decide bastante as coisas, não acha? Você penetrou em novos terrenos da física, mas não compartilhou a ciência. Agora tem o dever de abrir-nos a porta, aos não gênios. Venha comigo e dentro de um ano nós o vestiremos com um fraque, e levaremos a Estocolmo onde receberá o prêmio Nobel.

MÖBIUS - E o serviço secreto não visa fins próprios?

NEWTON - Concorde, Möbius, que a ele interessa principalmente a suposição de que você teria resolvido o problema da gravitação.

MÖBIUS - Está certo.

(SILÊNCIO)

EINSTEIN - E diz uma coisa destas com toda essa calma?

MÖBIUS - E como deveria dizê-lo?



EINSTEIN - Meu serviço secreto pensa que você iria fazer a teoria unitária das partículas elementares ...

MOBIUS - Posso tranquilizar também o seu serviço secreto. A teoria do campo unitário foi achada.

(Newton enxuga o suor com um guardanapo).

NEWTON - A fórmula universal.

EINSTEIN - De morrer de rir. Então os batalhões de físicos bem pagos, trabalhando em imensas laboratórios estatais tentam inutilmente progredir na física, há anos, e você liquida isso, assim de improviso, numa escrivaninha de hospício.

(Ele também enxuga o suor da testa com o guardanapo).

NEWTON - E o sistema de todas as invenções possíveis, Möbius?

MOBIUS - Também existe. Construí-o por curiosidade, como compêndio prático de meus trabalhos teóricos.

MOBIUS - O resultado é apavorante. Energias novas e inimagináveis seriam desencadeadas possibilitando-se uma técnica de zombaria de qualquer fantasia, se minhas investigações caíssem nas mãos dos homens.

EINSTEIN - O que é bastante inevitável.

NEWTON - A coisa é saber quem vai saber primeiro.

(Möbius ri).

MOBIUS - Com certeza você Milton, deseja que esta felicidade caiba ao seu serviço secreto e ao Estado maior que está atrás dele.

NEWTON - E porque não? Para trazer de volta à comunidade dos físicos o maior físico de todos os tempos concordo com qualquer Estado Maior. Trata-se da liberdade de nossa ciência e nada mais. Temos que produzir um trabalho pioneiro. Se a humanidade não sabe aproveitar o campo que estamos construindo, é problema dela, não nosso.

EINSTEIN - Concordo, temos que fazer um trabalho pioneiro. Mas nem por isso podemos eximir-nos da responsabilidade. Fornecemos enormes recursos de força aos homens. Isso nos dá o direito de impor condições. Temos de nos tornar políticos no poder, já que somos físicos. Também o nosso sistema político tem de alimentar-se das mãos da

ciência.

NEWTON - Ambos os nossos sistemas, Eisler, têm que ceder agora, principalmente das mãos de Möbius.

EINSTEIN - Pelo contrário. Ele vai ter que nos obedecer. Afinal, nós ambos o colocamos em xeque.

NEWTON - Será verdade? Parece que nós dois é que estamos em xeque. Se Möbius for com você, não poderei fazer nada, porque você irá evitar isso. E você também seria impotente, se Möbius se decidisse à meu favor. Ele é quem pode escolher aqui e não nós.

(Einstein segue-se festivo).

EINSTEIN - Busquemos os revólveres.

(Newton também se levanta).

NEWTON - À luta.

(Newton busca os dois revólveres atrás da grade, entregando a Einstein a sua arma).

EINSTEIN - Sinto muito que a presente situação termine sangrenta. Mas nós temos de atirar. Um no outro e além disso nos enfermeiros. Em caso de necessidade teremos de atirar também em Möbius. Pode ser que seja o homem mais importante do mundo, no entanto, os seus manuscritos são ainda mais importantes.

MOBIUS - Meus manuscritos? Ou os queisei.

(Silêncio mortal).

EINSTEIN - Queisei?

MOBIUS - (Emberaçado) - Antes. Antes da volta da polícia. Por razões de segurança.

(Einstein cai numa gargalhada desesperada).

EINSTEIN - Queisados.

(Newton grita furioso).

NEWTON - O trabalho de quinze anos.

EINSTEIN - É de se ficar louco.

NEWTON - Oficialmente já o sou.

(Einstein cai nos dois revólveres e segura-os no céu, angustiado).



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

EINSTEIN - Com isso, ficamos inteiramente nas suas mãos, Möbius.

NEWTON - E dizer que tive de estrangular uma enfermeira e prender a lenha.

EINSTEIN - Enquanto a mim ensinavam a tocar violino: uma tortura para alguém tão anti-musical quanto eu.

MOBIUS - Continuamos o jantar?

NEWTON - Perdi o apetite.

EINSTEIN - Pena perder o "Cordon bleu".

(Möbius levanta-se).

MOBIUS - Nós três somos físicos. A decisão que iremos tomar será tomada entre físicos. Temos de proceder cientificamente.

Não podemos nos permitir a erros de pensamento, já que uma conclusão errada pode levar à catástrofe. Nós os três queremos o progresso da física, se bem que por meios diferentes. Você deseja conservar a sua liberdade, Kiltcoj, pondo em dúvida a sua responsabilidade. Por outro lado, você, Eisler, empenha a física no nome da responsabilidade de uma política de poder de certo país. Mas como aparece a realidade? É sobre isso que preciso de informações, caso deva tomar uma decisão.

NEWTON - Alguns dos mais célebres físicos o esperam. O pagamento e as instalações são ideais e mesmo que a região seja horrível, as instalações de ar refrigerado são excelentes.

MOBIUS - E esses físicos são livres?

NEWTON - Meu caro Möbius, esses físicos se dispuseram a resolver determinados problemas científicos decisivos para a defesa do país. Daí é de se concluir...

(Vira-se para Einstein).

MOBIUS - Josef Eisler, você fazia a apologia da política do poder. Para isso é necessário poder. Você o tem?

EINSTEIN - Você não me compreendeu bem, Möbius. Minha política do poder consiste exatamente no fato de eu ter renunciado a ela, em benefício de um partido.

MOBIUS - Pode dirigir esse partido, considerando o sentido de sua responsabilidade, ou está em perigo de estar sendo dirigido pelo partido?



EINSTEIN - Möbius! Isso é ridículo! É claro que só posso ter esperanças de que o partido aceite as minhas sugestões, e nada mais. Sem esperança não há posição política.

MOBIUS - Pelo menos os seus físicos são livres?

EINSTEIN - Já que eles também cuidam da defesa do país.

MOBIUS - Curioso. Cada um apresenta-me uma teoria diferente, mas a realidade que me é apresentada é sempre a mesma: uma prisão. Nesse caso, prefiro o meu hospício. Pelo menos me dá a ventura de não estar sendo usado por políticos.

EINSTEIN - Afinal, nós todos temos que assumir certos riscos.

MOBIUS - Existem riscos nos quais nunca devemos incorrer: o caso da humanidade é um deles. O que o mundo faz com as armas que já possui, nós o sabemos; o que faria com aquelas que eu poderia produzir, é coisa que podemos imaginar. Por isso submeti minha ação a esta convicção. Deixei de lado minha carreira acadêmica, industrial e deixei minha família ao seu destino. Escolhi a boina dos bobos da corte. Declarei que o rei Salomão aparecia diante de mim e logo fui preso no hospício.

NEWTON - O que não era solução!

MOBIUS - O bom senso exigiu esse passo. Com a nossa ciência atingimos o limite do cognoscível. Alcançamos o fim do nosso caminho. Mas a humanidade ainda não chegou tão longe. Nós lutamos para alcançar a frente e agora ninguém nos segue e nós atingimos o vazio. Nossa ciência tornou-se terrível, nossas pesquisas perigosas, nossos conhecimentos mortíferos. Para nós físicos só resta capitular ante a verdade. Ela não cresceu diante de nós, ela morre conosco. Temos que subtrair o nosso saber e eu o subtraí. Não há outra solução, também para vocês.

EINSTEIN - O que quer dizer com isto?

MOBIUS - Que vocês têm que ficar comigo no hospício.

NEWTON - Nós?

MOBIUS - Vocês dois.

(Silêncio).

NEWTON - Möbius! Não pode exigir de nós que fiquemos eternamente...

MOBIUS - Vocês têm transmissores clandestinos?

EINSTEIN - E daí?

MOBIUS - Avisem os seus superiores de que vocês se enganaram, que eu sou realmente louco.

EINSTEIN - E então ficaremos aqui eternamente. O galo não canta mais para os espíões fracassados.

MOBIUS - É a única chance que tenho de continuar indecoherente. Somente no hospício estaremos livres. Somente no hospício podemos continuar a pensar. Em liberdade os nossos pensamentos tornar-se-iam material e explosivo.

NEWTON - Mas afinal, nós não somos loucos.

MOBIUS - Somos assassinos.

(Olham-no espantados).



NEWTON - Protesto!

EINSTEIN - Você não deveria ter dito isto, Möbius!

MOBIUS - Quem mata é assassino, e nós matamos. Vocês para não fazerem perigar a sua missão secreta e eu porque a enfermeira Monika acreditava em mim, julgavam-me um gênio ignorado. Não compreendia que a obrigação do gênio, hoje em dia, é manter-se ignorado. Matar é algo de horrível. Eu a matei a fim de evitar uma matança maior. E agora vocês chegaram. Talvez eu não possa afastá-los, mas talvez possa convencê-los. Os nossos assassinatos deverão tornar-se sem sentido? Ou sacrificamos ou assassinamos. Ou ficamos no hospício ou o mundo se torna um hospício. Ou nos apagamos na memória dos homens ou a humanidade se apaga.

(Silêncio).

NEWTON - Möbius!

MOBIUS - Kilton?

NEWTON - Esse sanatório. Esses horríveis enfermeiros. Essa médica corcunda!

MOBIUS - E daí?

EINSTEIN - Aprisionam-nos como feras.

MOBIUS - Nós somos feras. Não podemos ficar soltos entre os homens.

(Silêncio).

NEWTON - Não há mesmo outro caminho?

MÖBIUS - Não há.

ERST II - Johana Wilhelm Möbius, ou sou um homem decente. Eu fico.
(Silêncio).

NEWTON - Eu também fico. Para sempre.
(Silêncio).

MÖBIUS - Eu lhes agradeço. Por esta pequena oportunidade que o mundo
ai da possui de escapar.
(Ergue seu cálice).

MÖBIUS - As nossas enfermeiras!
(Ergueram-se furtivos. Debeu o col
locar os cálices sobre a mesa).

NEWTON - Transformemo-nos novamente em leucos. Andemos como o fantas-
ma de Newton.

ERST III - Toquem de novo como Kreisler e Beethoven.

MÖBIUS - Deixemos que Calanão apazoga.

NEWTON - Leucos, porém sábios.

ERST III - Trossos, porém livres.

MÖBIUS - Físicos, porém inocentes.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



(Os três acenam um ao outro e vão
aos seus quartos. O Salão fica va-
zio. Da direita entram McArthur e
Kurillo. Vestem agora uniformes ne-
gros, com boné e pistolas. Arrumam
a mesa. McArthur empurra para fora,
pela direita, o carrinho com a lou-
ça usada; Kurillo coloca a mesa re-
londa mais à direita e sobre ^{este} ca-
deiras viradas, assim como se faz
num restaurante. O Salão fica de no-
vo vazio. Depois aparece da direit-
ta a erta. Dra. Latilde von Labnd.
Como sempre de guarda-pé branco. ~~de~~
telescópio. Olha ao redor de si. ~~de~~
namente entra McArthur, também de'

uniforme preto).

DOCTORA - O Diretor Gerald Prüben já chegou, junto com seus pares?

ENFERMEIRO-CHEFE - Estão esperando no Salão Verde. Devo preparar o champagne e o caviar?

DOCTORA - Os garçons não estão aqui para ficar vagabundeando sem para trabalhar.

(Conta-se no sofá).

DOCTORA - Vá buscar Möbius, Sievers.

ENFERMEIRO-CHEFE - Às suas ordens, patroa.

(Vai ao quarto nº 1 e abre a porta).

ENFERMEIRO-CHEFE - Möbius, para fora.

(Möbius aparece. Silêncio).

DOCTORA - Möbius, por determinação do promotor só posso falar consigo na presença de um enfermeiro.

MOBIUS - Compreendo, Doutora.

DOCTORA - O que tenho para lhe dizer refere-se também aos seus colegas.

(McArthur e Lurillo voltam).

DOCTORA - McArthur e Lurillo, chamem os outros dois.

(McArthur e Lurillo abrem as portas nº 2 e 3.)

MURILLO E McARTHUR - Para fora!

(Newton e Einstein aparecem).

DOCTORA - Alec Jasper Kilton e Joseph Eisler, tenho de falar com vocês.

(Os dois olham-na espantados).

NEWTON - Então ... sabem?

(Os dois querem puxar os seus revólveres mas são desarmados por McArthur e Lurillo).

DOCTORA - Sua concha foi ouvida, meus senhores. Há muito que eu desconfiava. McArthur e Lurillo, apanhem os transmissores clandestinos de Kilton e Eisler.

ENFERMEIRO-CHEFE - Vamos, os três, as mãos sobre a cabeça.



NEWTON - Engraçado!

EINSTEIN - Eu não sei ...

NEWTON - Esquisito!

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 833
Fones 226.0242 - CEP 90020-028

(Mebius, Einstein e Newton colocam as mãos na nuca; McArthur e Murillo vão aos quartos 2 e 3).

(Ele ri. Só. Fantasmagórico).

(Ri de novo. Silencia. McArthur e Murillo voltam com os transmissores clandestinos).

ENFERMEIRO-CHEFE - Mãos para baixo!

(Os físicos obedecem. Silêncio).

DOCTORA - Os refletores, Sievers.

ENFERMEIRO-CHEFE - OK, patroa.

(Argue a mão. De fora, refletores mergulham os físicos em luz brilhante. Ao mesmo tempo, Sievers apagou a luz do Salão).

DOCTORA - A "Villa" está cercada de guardas. É inútil tentar fugir.

(Aos enfermeiros).

DOCTORA - Para fora, todos os três!

(Os três enfermeiros deixam o Salão, carregando armas e aparelhagem para fora. Silêncio).

DOCTORA - E agora chegou a hora de vocês conhecerem meu segredo. Serão os únicos, pois que não tem importância que saibam.

(Silêncio).

DOCTORA - (festivamente) - A mim também apareceu o Dourado Rei Salomão.

(Os três o chamam-na espantados).

MEBIUS - Salomão?

3.

Newton ri baixo

EINSTEIN - Ela enlouqueceu...



DOCTORA - Eu reconheci a verdade: Salomão ~~ressuscitou~~ ressuscitou ^{dentre os mortos,}
Revelara seu conhecimento para que Möbius reinasse sobre a terra, em
seu nome.

EINSTEIN - É preciso interná-la. Seu lugar é no hospício.

DOCTORA - De entanto, Möbius traiu o Rei Dourado. Tive medo. Caiu a
quilo que descobrira e foi repudiado, pois que aqui o que fora revelado
pelo Rei Dourado não era segredo, por ser pensável. Todo o pensá
vel é pensado certa vez. Agora ou no futuro. O Rei Dourado só não que
ria que alguém mais o pensasse. A ação deveria continuar sendo sua, o
meio de seu santo domínio do mundo e por isso ele procurou a si, sua
serva.

EINSTEIN - A senhora está louca. Escute, a senhora está louca.

DOCTORA - Eu obedeco o seu comando. Eu era médica e Möbius meu pacie
nte. Podia fazer com ele o que quisesse. Durante anos dei-lhe inter
essantes e fiz a fotocópia dos apontamentos do Rei Dourado, até as
últimas páginas.

HEWTON - A senhora enlouqueceu! Totalmente! Compreenda isso! (Daixo)
Nós todos enlouquecemos.

DOCTORA - No silêncio cumpri o meu dever. Fundei fábricas enormes, '
construí uma indústria atrás d'outra edificando um gigantesco truste.
Vou aproveitar o sistema de todas as invenções possíveis, Johann Wil
helm Möbius.

MÖBIUS - Doutora Mathilde von Zahnd, a senhora está doente. O irmão '
não existe, ele nunca apareceu diante de mim.

DOCTORA - O Senhor está mentindo.

MÖBIUS - Eu o inventei para conservar em segredo as minhas coisas abertas.

DOCTORA - O Senhor o está negando.

MÖBIUS - Tente ser razoável. Reconheça que está louca.

DOCTORA - Tanto quanto o Senhor.

MÖBIUS - Então tente que gritar a verdade ao mundo. Durante todos es
tes anos a Senhora me roubou, desvergonhadamente. E ainda por cima e
xigia dinheiro de minha pobre mulher.

DOCTORA - O Senhor não pode fazer nada, Möbius. Mesmo que sua voz at
tingisse o mundo lá fora, ninguém acreditaria nela. Pois que para a '
vida pública, o Senhor é um louco perigoso, um assassino.



Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(OS três apercebem-se da verdade).

MÖBIUS - Monika?

EINSTEIN - Irene?

HEWTON - Dorothea?

DOCTORA - Eu só me aproveitei de uma oportunidade. O saber de Salomão tinha de ser salvo. E a sua traição tinha de ser punida. Tive de torná-los inócuos por meio dos assassinatos. Lá lancei as três enfermeiras para cima de vocês, já contando com sua correspondência. Vocês foram dóceis como autómatos e mataram como carrascos.

(Möbius quer lançar-se sobre ela, mas Einstein o detém).

DOCTORA - É inútil, Möbius, lançar-se em cima de mim. Assim como foi inútil queimar manuscritos que eu já possuía.

(Möbius vira-se para outro lado).

DOCTORA - E agora os únicos três físicos que conhecem a verdade estão presos num sanatório, vigiados pela minha polícia trabalhista.

(Silêncio).

DOCTORA - Eu me aposséi do poder de Salomão. Não tive medo. Meu sanatório está cheio de parentes loucos, enfeitados de jóias e de condecorações. Sou a última pessoa normal de minha família. O fim. És fértil e ainda assim capaz de amor ao próximo. Foi quando Salomão se apiedou de mim, ele, que possui milhares de mulheres, me escolheu. Agora torná-me-ei mais poderosa do que meu pai. Meu truete há de reger os países, conquistar os continentes, explorar o sistema solar, ir à Galáxia de Andrômeda. O resultado deu certo, não em benefício do mundo, mas em benefício de uma virgem veiba e concunã.

(Toca um pequena sininho. Da direita aparece o enfermeiro-chefe).

ENFERMEIRO-CHEFE - Datroa?

DOCTORA - Vá-se embora, Sievers. O Conselho Diretor está esperando. Inicia-se um empobrecimento mundial, a produção começa.

(Cai pelos fundos, à direita, com o enfermeiro-chefe e os três físicos filanóes. Mudo. O jogo acabou. Si

NEWTON - Acabou.

lencio).



(SENTA -se no sofá)

EINSTEIN - O mundo está nas mãos de uma pedreiro e outra.

(Senta-se ao lado de Newton).

MÖBIUS - Aquilo que foi pensado certa vez não pode ser esquecido.

(Möbius senta-se na poltrona à esquerda do sofá. Nutisimo. Os três o lham diante de si. Depois falam muito calmos, com naturalidade, simplesmente apresentando-se ao público).

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

NEWTON - Eu sou Newton. Sir Isaac Newton. Nascido à 4 de janeiro de... 1643 em Woolsthorpe, em Grantban. Sou presidente do Royal Society. Não precisam se levantar por causa disto. Eu escrevi: "As fundações matemáticas das ciências naturais". Eu disse: "Hypotheses non fingo". Minhas realizações nos terrenos da ótica experimental, da mecânica teórica e da alta matemática não são desprovidas de importância, mas tive que deixar em aberto a questão da natureza da gravidade. Também escrevi livros teológicos. Apontamentos ao Profeta Daniel e ao Apocalipse de São João. Sou Newton. Sir Isaac Newton. Sou presidente do Royal Society.

(Levanta-se e vai para seu quarto).

EINSTEIN - Eu sou Einstein. Professor Albert Einstein. Nascido a 14 de março de 1879, em Ulm. Em 1902 tornei-me consultor do escritório juramentado de Patentes de Berna. Ali construí a minha teoria da relatividade especial, que modificou a física. Depois tornei-me membro da Academia Prussiana de Ciências. Mais tarde tornei-me emigrante. Por que sou judeu. É de minha autoria a fórmula $E=mc^2$, a chave da transformação da matéria em energia. Amo os honens e amo meu violino, mas foi por minha recomendação que se construiu a bomba atômica. Eu sou Einstein. Professor Albert Einstein. Nascido à 14 de Março de ... 1879, em Ulm.

(Levanta-se e vai para o seu quarto. Depois ouvimo-lo tocar violino).

(Kremler)

MOBIUS - Eu sou Salomão. Sou o pobre Rei Salomão. Já fui enormemente rico, sábio e temente à Deus. Os poderosos tremiam diante de meu poder. Fui o Rei da paz e da justiça. Mas a minha sabedoria destruiu meu temor a Deus e quando deixei de temer a Deus destruí minha sabedoria e minha riqueza. Agora as cidades que governei estão mortas, o reino que me foi confiado, está vazio, um deserto amarelado e ao redor de uma estrela sem nome e amarelada gira eternamente uma terra radioativa. Eu sou Salomão, eu sou Salomão, sou o pobre Rei Salomão.

(Vai para seu quarto. O Salão fica vazio. Só se ouve o violino de "Einstein").

F I M



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025